

Um início de escassez e aprendizado

Reprodução do livro *História de Brasília*

VINICIUS NADER

ESPECIAL PARA O CORREIO

O dia 7 de setembro de 1958 representou muito mais do que um simples feriado de independência do Brasil para o recém-formado médico Célio Menicucci. Era o dia em que ele, aos 26 anos de idade, também conquistava a sua independência. Foi exatamente nessa data que esse clínico geral e reumatologista chegava a Brasília vindo de seu estado natal, Minas Gerais, onde nasceu na cidade de Lavras. Ou pelo menos chegava ao que iria se chamar Brasília dali a cerca de dois anos.

Dois trabalhosos e também proveitosos anos, como lembra Menicucci. “A fase de antes da inauguração da cidade foi marcada por muito trabalho, muita precariedade e muito doente para pouco médico”, conta. Mas também havia muito aprendizado para os doutores que se aventuraram no Planalto Central. “Foi uma das fases em que mais aprendi em minha profissão. Acabávamos sendo um pouco de tudo. Minha especialidade era clínica geral e reumatologia, mas fiz partos, tratei de outras doenças e fiz até pequenas cirurgias”. conta o médico, que atendia no hospital do IAPI, Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Industriários.

As lembranças que Célio tem daquela época retratam bem a precariedade e a força de vontade que marcaram o início de Brasília. “Era praticamente uma medicina de guerra. Os candangos caíam quase que diariamente da estrutura metálica onde estava

sendo construído o Senado Federal e sempre se machucavam muito”, relata. Isso sem falar nos muitos queimados que eram atendidos por Menicucci. “Como as casas da Cidade Livre (Núcleo Bandeirante) eram de madeira, elas pegavam fogo muito rápido

e as pessoas não tinham muita instrução. O número de queimados era muito grande”, lembra o médico, acrescentando que do hospital podia-se ver a fumaça dos incêndios. “Aí agíamos como brigada de bombeiros e íamos todos para o hospital esperar os

NO INÍCIO, O EXERCÍCIO DA MEDICINA EM BRASÍLIA ERA MARCADO PELA FORÇA DE VONTADE E DEDICAÇÃO. FOI EM UM BARRACO DE MADEIRA, CONSTRUÍDO NO ACAMPAMENTO DA NOVACAP, QUE FUNCIONOU O PRIMEIRO NÚCLEO DE SAÚDE DO CERRADO



pacientes”, diz, sempre ressaltando também o lado de aprendizado de tanta polivalência. Nem mesmo no dia da inauguração da cidade, Menicucci teve sossego. “Estava de plantão e atendia uma paciente tuberculosa na hora em que estouravam os fogos de artifício em comemoração à criação de Brasília. Mas não me chateei, não. Afinal eu era um dos únicos solteiros — atualmente separado, Célio Menicucci foi casado durante onze anos com Maria Geralda — e alguém tinha que estar de plantão naquela noite”, afirma resignado.

O aprendizado da medicina era refletido na vida também. Este último proporcionado pela tão falada miscigenação que havia na nova capital federal. As culturas se misturavam e um acabava aprendendo os costumes dos outros. Tudo sempre com muito respeito. Célio se lembra, por exemplo, de quando aprendeu um costume nordestino de comemorar a chegada de um filho. “Quando fui visitar uma paciente que tinha tido o parto ajudado por mim, ela insistia para que eu bebesse o mijo da criança. Assustado, resisti o quanto pude até perceber que aquela expressão significava apenas beber uma cachaca ou uma bebida para comemorar”, conta aos risos. De qualquer forma, a bebidinha ficou para uma outra ocasião, pois

O médico viu no trabalho em Brasília a oportunidade de aprender e exercitar sua profissão, além de ficar mais perto da família, que morava em Goiânia

HOJE, CÉLIO NEM
PENSA EM SAIR DA
CIDADE EM QUE
CRIOU OS FILHOS E
VÊ OS NETOS
CRESCEREM

o médico estava a trabalho.. A diferença de culturas também fez com que Célio adaptasse o seu consultório, colocando um esparadrapo na porta, pois as pessoas não conseguiam girar o tipo de maçaneta usada nas construções de Brasília.

Especialização

Depois da inauguração, as coisas melhoraram para o lado dos médicos da cidade. O primeiro hospital distrital de Brasília — o projeto original previa mais 10 além de um hospital de base — era inaugurado, tendo Menicucci como um de seus fundadores. Atualmente, é o Hospital de Base de Brasília. “Com a inauguração do Hospital Distrital tudo ficou mais fácil. Vieram profissionais gabaritados de outros estados e o maquinário era de última geração”, conta o médico, desmentindo aquela maldosa brincadeira de que os melhores hospitais da capital eram as companhias aéreas. Para não ficar para trás no meio de tantas feras em sua profissão, Célio Menicucci tratou logo de fazer uma especialização em reumatologia em Londres, Inglaterra. O reconhecimento veio em tantos cargos de chefia merecidamente ocupados por Menicucci e pela nomeação para Secretário de Saúde do governo de Ronaldo Costa Couto, entre outras coisas. Incansável, o médico está na ativa até hoje e ocupa a Secretaria do Serviço Médico no Supremo Tribunal Federal.



“
**COMO AS CASAS DA
CIDADE LIVRE
ERAM DE MADEIRA,
ELAS PEGAVAM
FOGO MUITO
RÁPIDO E AS
PESSOAS NÃO
TINHAM MUITA
INSTRUÇÃO, O
NÚMERO DE
QUEIMADOS ERA
MUITO GRANDE**
”

Mineiro de Lavras, Célio Menicucci veio parar no Planalto Central meio que por obstinação. “Queria mudar minha vida, fazer uma revolução mesmo, aprender minha profissão e ficar mais perto da minha família, que morava em Goiânia. Isso sem falar no salário. Aqui era três vezes maior do que o de Belo Horizonte”, conta o médico, que viu na oportunidade de vir para Brasília uma possibilidade de juntar todas essas coisas. Para conseguir atingir o objetivo, ele foi ao chefe-de-gabinete de Juscelino Kubitschek para ver se havia vagas para a clínica geral em algum hospital da cidade. A vaga foi conseguida e Menicucci se tornou o 12º médico do AIPI. Mas ainda não havia sido dessa vez que as relações entre o médico e o presidente estariam mais estreitas.

Na verdade, essa amizade só surgiu no Natal de 1960, quando na noite do dia 24 de dezembro o plantonista Célio Menicucci re-

cebeu um telefonema do próprio Juscelino lhe pedindo para que atendesse seu cunhado, o deputado Gabriel Rossi, que estava com uma crise de vesícula. Depois de uma cirurgia — feita no Rio de Janeiro — a amizade entre os dois estava consolidada. Isso apesar de Menicucci não ter dado muito crédito às promessas do presidente. “Confesso que não acreditava que Brasília seria construída a tempo de JK cumprir sua promessa de inaugurar a cidade em 1960”, diz Menicucci, lembrando-se de um amigo engenheiro que trabalhava todos os turnos possíveis sem parar um momento para entregar as obras a tempo. Elas foram entregues no prazo previsto, Juscelino concretizou suas palavras de que iria inaugurar Brasília naquela data e Menicucci aqui está até hoje. Nem pensa em sair daqui, cidade onde criou seus três filhos e que ele viu crescer. “Brasília é hoje minha cidade mãe”, finaliza.

Raio X

Nome: Célio Menicucci
Idade: 72 anos
Origem: Lavras, Minas Gerais
Profissão: Médico clínico geral e reumatologista
Esposa: separado de Maria Geralda
Filhos: Fernando Menicucci Neto, Denise Menicucci e Simone Menicucci
Netos: Caroline, Jacqueline, Rafael, Renan, Fernando e Thiago.
Ano que chegou a Brasília: 1958